

Breves considerações sobre o tacto no quotidiano: pontos de contacto entre a Teoria Social antropológica e sociológica

António M. Rodrigues

Departamento de Antropologia

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Universidade de Lisboa

amdigues@gmail.com

Resumo Neste curto texto procura-se repensar o sentido do tacto nas relações sociais das sociedades contemporâneas ocidentais a partir da revisitação do lugar que lhe foi sendo atribuído, quer pela construção do conhecimento científico antropológico e sociológico, quer na vida quotidiana dos sujeitos que habitam aquelas mesmas sociedades. O seu propósito passa também por evidenciar que, através de uma análise e estudo mais aprofundados do tacto na contemporaneidade, será possível compreender muito do *sentido* e da *forma* paradoxal como as sociedades lidam com a sensorialidade.

Palavras-chave Tacto; quotidiano; relações sociais; conhecimento científico; antropologia dos sentidos.

Abstract This short paper tries to rethink the tact sense in social relations of Western contemporary societies through a revisitation of the place that has been given to it, by building of anthropological and sociological scientific knowledge at the everyday life of the people living in those societies. Our aim with this paper is also to give evidence that, through a deeper and more accurate analysis of the tact sense in contemporaneity, it could be possible to understand much of the paradoxical *sense* and *form* by which societies deal with sensoriality.

Key-words Tact; everyday life; social relations; scientific knowledge; anthropology of the senses.

Tacteando (n)as sociedades contemporâneas ocidentais

A existência dos sujeitos produzidos pela modernidade parece estar a ser sufocada por um conjunto de experiências sensoriais e cognitivas que se vão traduzindo numa ideia de ansiedade generalizada que os assola. Sobre estas ansiedades, arriscaríamos afirmar que elas se parecem concentrar no

sentido do colapso da dissolução individual (corporal) e social (de perda dos vínculos sociais). A sua dimensão mais visível traduz-se no medo, que no fundo nada nos traz de novo; cada época da história teve os seus próprios medos e atribuiu a cada uma delas uma identificação própria, como nos diz Bauman (2007:111): “...o medo ocuparia um lugar cimeiro em qualquer breve lista das características mais marcantes da humanidade.” Do mesmo modo que em cada sociedade se vão seleccionando um número de dimensões da vida onde se projectam essas ansiedades, vemos também emergir um conjunto de categorias, como sejam: as doenças degenerativas (e.g. cancro, VIH), as fobias sociais que têm nos “Outros” os referenciais para formas de discriminação (e.g. racismo, fundamentalismo religioso), ou até mesmo aspectos de dimensão mais relacional (e.g. crianças em risco, pedofilia, individualismo) (Hacking, 2004), que vão sendo *construídos* e institucionalizados como parte do quotidiano dos sujeitos. A construção destas categorias possui uma componente racional e uma outra sensorial, sendo que esta última tende a ser relevada no conjunto das análises que se vão produzindo no intuito de as explicar e compreender:

“O princípio constante de todas as estratégias desenvolvidas ao longo da história para tornar visível a vida apesar do medo foi o de desviar a atenção das coisas em relação às quais nada podemos em benefício daquelas com que podemos improvisar alguns arranjos, fazendo com que estes arranjos consumissem suficientes energia e tempo para que ocupassem pouco (ou nenhum) lugar as preocupações relativas às coisas sem arranjo possível” (Bauman, 2007: 112).

É sobre este desviar de atenção das *coisas* relativas à sensorialidade táctil, como se elas não tivessem arranjo possível, que reside o propósito principal deste curto texto.

Numa tentativa de proceder a uma *compreensão* mais sensorial do mundo (Classen, 1997), arriscaria a dizer que todas as categorias enumeradas podem ser *sentidas* e explicadas de modo mais efectivo a partir da sua modalidade sensorial táctil. A convicção de que é possível a realização dessa tarefa apelando a um esforço de sensibilidade tornar-se-á o principal desafio deste texto. Tomo como ponto de partida um conjunto de questões actuais, mas ao fazê-lo com base nessa premissa, convocarei para o texto a noção e sentido de *actualidade* que Foucault (1991) nos fornece, ou seja,

um conjunto de discursos e de práticas, de comportamentos e instituições que se prolongam até um *nós* e que vão fazendo a história do presente.

Revisitando o sentido do tacto na contemporaneidade

Em todas as sociedades podemos identificar a atribuição de uma maior ou menor relevância a uma ou mais modalidades sensoriais, relegando outras para posições menos privilegiadas. No caso das sociedades modernas ocidentais, o tacto (talvez a par do gosto) será, aparentemente, a que se encontrará no fim dessa cadeia hierárquica. Num primeiro “tactemento” do problema, as justificações para esse deslocamento poderiam parecer simples: por um lado, o facto de se tratar de uma modalidade sensorial simultaneamente muito íntima, secreta, individualizada, mas também a que mais facilmente se intersecta com outras modalidades sensoriais, tornando-se de difícil análise *per si* quando pensamos na sua importância que pode possuir na produção e transmissão cultural; por outro lado, ela ficou, desde há muito, encerrada nas discussões filosóficas em torno da apropriação do sentido da vida humana pelo *contacto* com a realidade (objecto) ou pela construção (racionalização) dessa mesma realidade. Deste confronto saiu, em grande medida, o mote para o desenvolvimento e progresso das sociedades modernas e acabou por as conduzir ao caminho do *enlightenment* e da razão. Consequência directa, o projecto de construção da modernidade vai, progressivamente, atribuindo maior relevância às modalidades de percepção sensorial intimamente ligadas com a necessidade de *iluminar* ou *perscrutar* o percurso da humanidade, por contraponto a um *inalar*, *saborear*, ou finalmente *tactear* e *palpar* o *sentido* do projecto social em que essas mesmas sociedades embarcaram.

O que me proponho analisar neste texto é exactamente o facto de, esta associação entre o tacto e os lugares mais baixos da hierarquia sensorial e, com ela, a tendência para subestimar esta modalidade sensorial na nossa percepção do mundo quotidiano (Loomis e Lederman, 1996), existir apenas de forma aparente – i.e. ilusória. Sustentarei que, quer seja a partir das suas propriedades constitutivas e essenciais, quer seja pelos modos como se foram produzindo os *discursos* em torno das práticas sociais com ele associadas, o tacto possuiu e continua a possuir um lugar ambivalente e flutuante na cadeia hierárquica sensorial. Seja qual for a aproximação que efectuarmos às sociedades modernas contemporâneas constataremos que o seu imaginário social se encontra, individual e colectivamente, profunda-

mente povoado pela modalidade sensorial do tacto. Seja como o motor ou como o lugar de catarse individual ou social, esta modalidade sensorial foi, e ainda é, um elemento importante na produção de *sentido* das formas de organização social modernas.

Esclareço desde já que não pretendo conferir, nem advogar, qualquer ideia da *nobreza* desta modalidade sensorial em detrimento de outras (Jonas, 1954), mas antes destacar que, pela complexidade de análises que o tacto encerra, elas facilmente nos afastam das possibilidades de *compreensão* desta modalidade sensorial como possuidora de um largo potencial no campo da ciências sociais, onde se poderá destacar a *explicação* das *tipologias* dos vínculos sociais nas sociedades contemporâneas.

O valor do tacto nas sociedades modernas encontra-se muito dissimulado, entre o que são as experiências mais tangíveis e materializáveis do quotidiano e o imaginário que as rodeia. Por esse facto, a sua configuração na modernidade parece encontrar-se inevitável e sistematicamente entre dois mundos: o do concreto e palpável e o da construção de representações sobre essa outra dimensão mais material do mundo. Esta particularidade constitutiva, que a distingue das demais modalidades sensoriais, parece por isso conferir-lhe um estatuto de ambivalência que se consolidou ao longo da história através dos modos de apropriação e usos que lhe foram sendo conferidos no desenvolvimento da modernidade. Analisarei essas particularidades pelo modo como, tanto os seus aspectos constitutivos, como as práticas *discursivas*, que governam e influenciam os quotidianos dos sujeitos, acabaram por lhe conferir a sua nuance sociológica. Desse modo será possível perceber o seu contributo para uma certa organização do regime sensorial das sociedades modernas, mas também perceber de que modo se constitui como um forte elemento de configuração do imaginário social (Corbin, 1998).

Será portanto um exercício de reflexão que toma por referência, quer as formas de cristalização da vida real – as instituições; quer as formas que envolvem a experiência real e quotidiana dos sujeitos. A nossa intenção passará então, um pouco à semelhança do que nos propõe A. Corbin (1998), recuperar o estudo retrospectivo das relações sociais das sociedades modernas ocidentais, pela análise e questionamento das suas actividades sensoriais e emocionais e dos modos de estabelecimento de uma certa hierarquia sensorial, mas neste caso particular as que foram sendo estabelecidas para o

tacto. Obviamente que isso implica não embarcar em qualquer visão mais essencialista e apriorística sobre este ou outro sentido.

Revisitando o sentido do tacto na ciência

O tacto é na sua essência o sentido da relação, dos sujeitos consigo próprios mas também com o mundo físico e social que os rodeiam. De todos os nossos sentidos o tacto é sem dúvida o mais pessoal; dos momentos mais íntimos da vida dos sujeitos até ao sentimento do Eu:

“ a extrema sensibilidade da pele às mudanças de temperatura e de textura traz-nos duas faculdades sensoriais suplementares, cujo papel não consiste somente em assinalar ao indivíduo as alterações afectivas ocorridas nos outros, mas também fornecer-lhe acerca do seu meio uma informação de natureza particularmente pessoal” (Hall,1986: 77).

Quando comparado com a audição, o tacto possui essa característica peculiar de combinar na sua *essentia* o sentido da sua *existentia* e que é identificável desde logo nos primeiros momentos da ontogénese.

Ao contrário do que muitos dos estudos ancestrais da psicologia do desenvolvimento e cognitivista nos apontavam, associando a vida intra-uterina como um momento essencialmente de sono, em que as modalidades sensoriais se encontram ainda em estado de latência (Wallon, 1979; Gesell e Ilg, 1979; Piaget, 1970), os contributos das teorias psicanalíticas e os estudos mais recentes no âmbito da obstetrícia, pediatria, ou mesmo as novas tendências da psicologia do desenvolvimento, permitem-nos perceber que, até mesmo nesses momentos de existência, os seres se relacionam, ainda que de uma forma incipiente, com o mundo exterior através da percepção sensorial táctil (Loomis e Lederman, 1996; Brazleton e Cramer, 1989). Mais tarde, tanto a percepção háptica como a táctil permitirão o acesso do ser humano a faculdades sensoriais suplementares, cujo papel não consiste somente em assinalar ao indivíduo a sua presença no mundo, mas também o estabelecimento de relações e alterações afectivas, sendo ambas inibidas ou estimuladas consoante o meio social e cultural onde os sujeitos se encontrem inseridos.

À nascença todos os órgãos dos sentidos são mediados pela percepção do contacto, assim permanecendo de forma bastante marcada até aos 4/5

anos, altura em que uma criança ainda se encontra bastante dependente das pistas táctilo-quinestésicas (os sensores de pressão) palmar e plantar para se locomover, orientar e se apropriar do mundo que a rodeia (DeOreo e Williams, 1980). Mais do que as restantes modalidades sensoriais, as percepção táctil e háptica¹ fornecem-nos as sensações mais imediatas de estar no mundo desde os primeiros dias de vida. Desde cedo, através do maior órgão que o corpo humano possui – a pele, o recém-nascido identifica um *eu* interior e um *eu* exterior; e esse órgão não só confere a instância de separação do sujeito como se revela importante na sua transição para com o mundo (Winnicott, 1986). Se neste órgão táctil que se inicia a história do novo ser, em todo o seu percurso de vida, os sujeitos se socorrerão dele para “se meterem na pele de outros” (socializando-se), ou para “salvarem a sua própria pele” (construírem identidades); toda a história da pele acabará por se transformar também na história dos sujeitos, até à perda das suas qualidades vitais.

Numa outra dimensão podemos dizer que, o tacto é a modalidade sensorial do material e materializável no quotidiano dos sujeitos. A dimensão táctil separa o observador dos objectos, ao contrário de uma dimensão visual que separa os objectos entre si (Hall, 1986). É o concreto das coisas e não o mundo das ideias que sustenta primeiramente o tacto; não sendo palpável, o mundo que nos rodeia pode não ser real:

“Voir ne suffit pás à s’assurer du réel, seul le toucher a ce privilège. L’abolition du toucher fait disparaître un monde réduit désormais au seul regard, c’est-à-dire à la distance et à l’arbitraire, et surtout au mirage” (Le Breton, 2006: 185).

¹ A investigação sobre o tacto identifica o “sentido do tacto” a partir de duas perspectivas diferentes: o sentido cutâneo e o quinestésico. A partir destas é possível encontrar três categorias de análise: a *percepção táctil* – mediada apenas pela variação da estimulação cutânea; a *percepção quinestésica* – mediada exclusiva ou quase exclusivamente pela estimulação da postura e dinâmica corporal; e a percepção háptica – refere-se à percepção táctil em que ambos os estímulos das categorias anteriores contribuem para fornecer informações sobre a proximidade distal de objectos e outros acontecimentos que influenciam o “sentido do tacto”. Esta última categoria assume uma importância crucial nos quotidianos dos actores sociais em virtude de quase todas as actividades que exigem uma percepção táctil e que exigem um controlo do desempenho por via do tacto entraram nesta categoria (Loomis e Lederman, 1996)

Ao tacto devemos a segurança ontológica do chegar e permanecer no mundo:

“(…) o tacto é o sentido, o único sentido, que por ser recíproco não permite que o sujeito seja passivo; mais, ele é o sentido em que o primeiro encontro com a realidade acontece de facto. (...) [O] tacto é o verdadeiro teste da existência e da realidade: pode-se afastar qualquer suspeição de ilusão pelo aperto do objecto e testar a sua existência em termos da resistência que ele me oferece para que eu o desloque” (Jonas, 1954: 515).

Pelo tacto, sujeito e objecto tornam-se um fenómeno em presença, um e outro suportam a sua existência no mundo, real ou construído.

Da apresentação destes argumentos, fica-nos a *sensação* de que poderíamos desde já colocar o tacto como uma modalidade sensorial de relevo na hierarquia sensorial. Mas a tentação de nos deixarmos levar pelo hábito de deduzir o aspecto da sensibilidade do indivíduo pelas qualidades naturais do seu envolvimento é grande, sendo por isso necessário superar a ideia, e a tentação, de olhar para as modalidades sensoriais apenas como “a janela do mundo”, tomando-as como algo naturalizado e com uma existência pré-cultural (Classen, 1997). Até porque de todas as modalidades sensoriais o tacto é o que nos parece, pelos processos de incorporação das diferentes posições sociais a que se encontra sujeito, aquele em que a efemeridade dos seus contornos (Corbin, 1998) parece ser maior, facilitando por isso a sua naturalização. E esta não é apenas uma questão social e cultural, a própria neurofisiologia nos ajuda a confirmar essa afirmação, registando muito poucos estudos que se atenham somente numa dimensão táctil dos processos neuronais, mas porque as pesquisas que existem tendem a que o tacto não deixe pistas para o analisarmos. Senão vejamos, no desenvolvimento ontogenético dos sujeitos, inicialmente as modalidades de sensorialidade predominantes são eminentemente tácteis, mas à medida que o desenvolvimento ocorre elas vão sendo integradas noutras modalidades sensoriais, em particular as visuais e auditivas através da *intersensorial e intrasensorial discrimination* (a intermodalidade perceptiva) (DeOreo e Williams, 1980); são também tácteis as primeiras formas de apropriação do mundo mas ao longo do seu desenvolvimento perceptivo-motor os sujeitos vão perdendo a situação de dominância dos seus sistemas sensoriais (proximorreceptores) para uma percepção do mundo mais centrada nos *inputs* visuais (telorecep-

tores) (DeOreo e Williams, 1980). E se esse é um percurso da ontogénese, e do *campo* das ciências médicas, foi-o também do desenvolvimento das sociedades modernas, e das ciências sociais, para as quais a visão foi sendo *construída* e assumindo protagonismo como a modalidade sensorial de eleição da modernidade, reiterando e reificando a ideia de que são as representações que conferem, através da *imaginatio, phantasia, a forma* a todos os dados do tacto (Jonas, 1954: 518).

Apesar da predominância da visão na construção do projecto de modernidade, que se consubstanciou na construção de “novos olhares” sobre a ciência, sobre “os outros”, sobre a apropriação do saber quotidianos, pensamos que o tacto possuiu e continua a possuir um lugar de destaque na vida dos sujeitos e das sociedades modernas. Acontece que estas, na inevitabilidade de o poderem negar porque possuidor de componentes mais *naturalizadas*, acabaram por criar um *imaginário social* que propiciou o esquecimento do tacto na imaginação social da modernidade. Será nestas contradições e ambiguidades que me irei concentrar em seguida.

Tacteando o imaginário das relações quotidianas

Pensem então na construção desse imaginário social em torno do tacto. Para o fazermos, importará discernir quais as suas configurações na própria construção da modernidade e com esse propósito analisar a reconstituição dos sistemas de emoções e dos *modelos sensoriais* que lhe foram dando suporte (Corbin, 1998)². Ao efectuarmos esta análise procurarei destacar os diferentes lugares a partir dos quais o conhecimento da sensorialidade táctil pode ser (re)construída: por um lado, através de um necessário enfoque histórico dos processos de *incorporação* e de *internalização* (Elias, 1978) das práticas corporais; por outro, pela compreensão dos processos e das *acção* dos sujeitos, na *gestão das impressões* (Goffman, 1963) com que estabelecem *a ordem da interacção*; e ainda um outro, em que é possível destacar os elementos constitutivos dos processos de construção dos

² O sentido que Corbin atribui aqui a sistemas e modelos não pretende recuperar quaisquer ideias da tradição neo-funcionalista, nem tão pouco uma referência à teoria social dos sistemas de Parsons, mas antes uma aproximação da ideia de “*sistemas de configuração*” de Elias (1993) sobre os modos como deve ser possível efectuar a análise histórica sobre os modos como sociedades e indivíduos vão produzindo e reproduzindo formas de acção no seu interior.

sujeitos da modernidade a partir de *práticas discursivas* (Foucault, 1991), procurando amiúde a *ordem do social*. Trata-se de aproximações que poderão ser entendidas em dois pólos opostos mas que só em parte estarão distantes. Ambas ajudarão à *compreensão* do modelo sensorial das sociedades modernas que deixou para o tacto uma posição de ambivalência e fluidez na escala da hierarquia sensorial.

O modelo sensorial que está subjacente às sociedades modernas é o do corpo civilizado, fortemente individualizado e demarcado dos seus envoltimentos sociais e ambientais, com um elevado controlo sobre as suas emoções e com capacidade de monitorizar as suas acções e as dos outros, *internalizando* sistematicamente o que se consideram comportamentos adequados às mais diversas situações (Elias, 1978). Este “*processo civilizacional*”, como lhe chamou Elias (1978), em que as dimensões corporais se tornaram centrais decorre de uma entrada progressiva dos medos nas práticas e imaginários das populações, assim como dos modos de controlo social característicos da modernidade (Foucault, 1999; Bauman, 2007). Os medos pessoais e sociais dos ataques e confrontações corporais, bastante comuns nas sociedades medievais, foram progressivamente substituídos pelos medos de embaraço e vergonha, como se os sujeitos se fossem tornando como que os “recolectores de sensações” (Bauman, 2007: 117) no seu próprio corpo, procurando no curso das *situações sociais* em que vêm envolvidos querer constantemente “salvar a sua pele”.

Como nos diz N. Elias (1978), o tempo das sociedades medievais era o do confronto corporal constante e a vida dos indivíduos encontrava-se num estado de permanente proximidade e de *contacto*; os prazeres ocorriam e concentravam-se no imediato da carne, à flor da pele. Com o renascimento, esses confrontos foram substituídos pelas regras de etiqueta, passando estas a dominar os modos de ser e estar na *sociedade de corte*. Instigados pela possibilidade de sanções, em particular as de natureza social, as sociedades vão ser palco, por parte dos seus elementos, de todo um processo de regramento das manifestações corporais que envolvam os contactos e confrontações físicas, assistindo-se progressivamente à sua substituição por todo um conjunto de comportamentos que implicam a gestão das impressões em público. Assiste-se a todo um processo de separação do que é socialmente aceitável em público (o da natureza humana) de um outro tipo de contactos (menos aceitável nos humanos) e que passarão a estar confinados ao domínio

do privado; e mesmo neste, será ainda perceptível toda uma panóplia de cuidados relativos à cobertura da superfície corporal – a pele.

O aumento do controlo social, dentro e fora das cortes, facilitará a diminuição da propensão para a obtenção de prazer através de confrontos corporais (tácteis) directos; de igual modo, ao corpo vão ficar associados um conjunto cada vez mais elevado de *taboos* e interditos corporais. De forma lenta e progressiva as manifestações ostensivas de certas dimensões da percepção táctil e háptica como que passam por um duplo processo, de *internalização* e de “naturalização”. O regramento corporal em público em que a sensibilidade táctil se torna condição essencial como atributo fundamental na *distinção* entre as populações. *Mutatis mutandis*, será também esse processo que se apresentará na contemporaneidade como motor da determinação do *lugar social* e da *gestão das impressões* nos encontros face-a-face. Neste aspecto, atente-se ao exemplo que Corbin (1998) nos fornece dos processos discriminatórios, existentes à época das sociedades industrializadas, para com os marinheiros a propósito das características do seu contacto manual mais áspero e rugoso contribuindo para os *evitamentos* nos encontros face-a-face entre elementos de diferentes classes sociais.

Este *processo civilizacional*, que ocorre através da socialização, racionalização e individuação dos processos corporais, acabará por produzir mudanças importantes na vida em sociedade, encorajando as pessoas a construírem barreiras afectivas entre os seus corpos e os corpos de outros (Elias, 1973). Por outro lado, este tipo de manifestações ocorrerá também nas instâncias de poder e de governo, entre o fim do Séc. XVIII e início do séc. XIX, que através de procedimentos disciplinares e da sua aplicação aos indivíduos, tenderão a ocupar-se da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, e da natalidade, assim como nas instâncias da vida individual dos sujeitos no seu trabalho, nos seus corpos, nos seus afectos, nos seus desejos e na sua sexualidade (Foucault, 1991). Esta consciência de si próprio e dos outros como entidades separadas e isoladas ajudará à emergência da produção cultural do próprio espaço e da consolidação dos referenciais culturais de *distância social* em contraponto com uma *distância de fuga* (omnipresente no mundo animal) (Hall, 1986). E esta *discursividade* da separação dos corpos manter-se-á como instauradora de práticas, mesmo que alguns dados fornecidos pela psicologia experimental nos apresente a ideia de que o mundo perceptivo orientado pelo tacto se parece tornar mais

acolhedor para os sujeitos, do que uma exploração orientada pela visão (Balint; *in* Hall, 1986).

A par deste processo de compartimentação e separação de corpos, emoções e afectos ocorrerá simultaneamente a construção social e cultural da infância entre adultos e crianças, quer ao nível psicológico quer ao nível corporal (Ariès, 1988). Uma separação que produzirá efeitos e mudanças na hierarquia sensorial de uns e de outros, isto é, a ocorrência de modalidades sensoriais menos aceitáveis na esfera pública, em particular as tácteis, devem ser banidas e/ou educáveis. Esta é uma ideia facilmente encontrada nos manuais de civildade da época, e claramente representada no livro *Civilité* (1774), de J. L. La Salle's, quando escreve a este propósito, que as crianças gostam de tocar em coisas que lhes dê prazer às mãos e esse tipo de comportamentos devem ser urgentemente corrigidos e as crianças ensinadas “a tocar em tudo o que vêm apenas com os olhos” (Elias, 1973: 203). Não só se compartimentam os corpos e as suas manifestações corporais, mas em particular os das crianças devem tornar-se *civilizados*, através de instauração de formas *disciplinares*, mas igualmente *docilizados* (Foucault, 1999: 139).

A “invenção da criança” enquanto sujeito activo e participativo das sociedades, traz consigo igualmente a “invenção da maternidade” e os cuidados que estas devem tomar para com aqueles “novos” sujeitos (Elias, 1973; Ariès, 1988; Giddens, 1996). Não só as crianças passam a ser objecto de um olhar mais afectivo e emocional, como esse tipo de impulsos entrará na esfera privada com maior intensidade, em particular na responsabilização da figura maternal para os realizar de forma mais frequente. Esta nova responsabilidade social feminina, acentua a formulação de uma ideia concreta de que as mães devem desenvolver uma relação de afecto e proximidade com a criança, assistindo-se mais recentemente à perspectiva de que os pais também devem tentar desenvolver laços emocionais íntimos com os filhos e respeitarem a sua autonomia. No que à modalidade sensorial do tacto diz respeito, os *discursos* emanados no *campo* da psicologia e da medicina, encarregar-se-ão de sustentar aquela exigência de proximidade afectiva maternal: “...a primeira e a mais importante zona de comunicação entre uma mãe e o seu filho.” (Brazelton e Cramer, 1989: 78); no *campo* das Ciências Sociais, em particular a partir dos estudos de natureza sociológica, são as relações de proximidade paternal e sobretudo a qualidade da relação entre pais e filhos que vem sendo analisada. Como nos diz Giddens (1996), naquelas

relações as figuras parentais vêm sendo confrontados com a necessidade de possuírem certos atributos relacionais, como a sensibilidade e compreensão, exigências que se enquadram na caracterização dos sujeitos das sociedades da modernidade tardia – i.e. através de um aumento da *reflexividade* dos agentes sobre o mundo social.

O processo de racionalização do corpo e de racionalização social (Weber, 1978), contribuiu para a interiorização das ambiguidades de relações emocionais e afectivas (a luta do quotidiano passa para o interior de cada um), tornando-se numa aprendizagem constante de auto-controlo. É todo um mecanismo de *individuação* (Elias, 1973; 1993; Foucault, 1991) que é posto em movimento. Com ele foram instauradas um conjunto de práticas pelas quais os indivíduos passaram a ser identificados, separados por marcas, números, signos e códigos que facilitam o controlo e vigilância da população por parte das instituições (as impressões digitais são um exemplo deste tipo de procedimentos) e que se propagaram até à actualidade de forma quase que indelével e subliminar (Foucault, 1991).

Se até aqui apresentei essencialmente elementos que podem explicar o modo como as diferentes configurações sociais foram afastando a modalidade sensorial do tacto para um certo esquecimento e/ou naturalização das suas formas perceptivas, a partir de uma perspectiva institucional e discursiva, ou seja a partir das formas supra-individuais, importa também dar conta das formas de *acção* dos sujeitos e das suas experiências sensoriais no quotidiano.

Nas situações sociais do quotidiano, o controlo individual das manifestações sensoriais e emocionais decorre sempre de um *controlo interpessoal* (Layder, 2004) que ao nível das acções e das relações que os sujeitos mantêm entre si no curso dos seus quotidianos lhes exige uma monitorização corporal permanente. A sua concretização implica que os sujeitos coloquem em prática um conjunto de estratégias de sedução e utilização de formas não verbais de *manipulação*, de modo a assegurar a preservação de si e da sua face perante os outros (Goffman, 1989), contribuindo desse modo para a manutenção da *ordem da interacção* (Goffman, 1983). Atente-se desde logo na conotação negativa que pode ser colocada na dimensão táctil da própria relação quotidiana dos intervenientes nas situações sociais – i.e. a “manipulação” do outro –, ainda que, na perspectiva daqueles dois autores, essa seja uma particularidade presente em qualquer encontro do quotidiano.

Na perspectiva da *acção* quotidiana, interessará sobretudo perceber o modo como o corpo permite que os sujeitos intervenham e marquem a diferença no curso dos encontros sociais. Aqui a análise passará por perceber qual o “*vocabulário partilhado do idioma do corpo*” (as formas convencionais de linguagem não-verbal) que guiam as percepções dos sujeitos nas performances corporais e no modo como mantêm e gerem as suas aparências (Goffman, 1989). Importará então considerarmos alguns aspectos relativos à partilha de um idioma corporal nas performances quotidianas: o corpo é propriedade material do indivíduo e deve ter capacidade para controlar e monitorizar as suas performances de modo a facilitar as interacções; o vocabulário partilhado favorece a *hierarquização* dos sujeitos ao fornecer linhas de orientação para que os indivíduos se apresentem corporalmente e organizem a sua presença nas situações sociais; por último, o corpo é sempre mediador da relação entre uma identidade pessoal e a uma identidade social, fornecendo a cada momento um forte sentido de si e simultaneamente de pertença a um todo (Goffman, 1967). Estes assumirão então relevância máxima nas modalidades de percepção sensorial, uma vez que exigem a aquisição de uma competência da parte dos sujeitos para controlar expressões, movimentações, pequenos gestos e toda um leque de comportamentos que envolvem a comunicação corporal, tudo com o intuito de manter os papéis sociais no curso dos encontros das interacções face-a-face. A gestão corporal torna-se assim num aspecto relevante na produção de performances consistentes durante os encontros. E, neste particular, é o mesmo E. Goffman (1967) que nos fornece o exemplo dos *embaraços* (pequenos gestos que podem provocar inconsistências na comunicação) como elemento que pode impossibilitar a manutenção dos papéis e o fluxo das interacções. Um exemplo que se pode considerar paradigmático no que à modalidade sensorial do tacto diz respeito, uma vez que nas sociedades modernas, muitos dos *embaraços* se encontram frequentemente associados a dimensões tácteis da relação interpessoal, a saber: a pele ruborizada pela vergonha, as excitações e os prazeres imaginados repercutidos no aumento do fluxo sanguíneo, os toques inadvertidos, o aumento da temperatura corporal produzindo emoções “à flor da pele”; todos eles contribuem de forma decisiva para a manutenção da *ordem da interacção* nos encontros do quotidiano. A dimensão táctil das interacções ganha relevância, mesmo que pareça encontrar-se num nível mais do inconsciente e do domínio individual, no decurso das *situações sociais* em que os sujeitos se vêem envolvidos.

E aí o *flâneur* ou o *estrangeiro*, formas da individualidade dos sujeitos da modernidade, de que nos falava Simmel (1908 *in* Levine, 1971) e mais recentemente Bauman (2007), que supostamente controlam o seu envolvimento através de uma modalidade sensorial mais visual e auditiva, terão que ser considerados nos modos como tateiam (*manipulam e controlam*) a sua presença nas sociedades. Fá-lo-ão decerto de uma forma que nos/lhes parecerá mais centrada numa dimensão estritamente individual e inconsciente, mas ainda assim a sensorialidade táctil ajudará a sustentar a sua presença social nas *acções* que desenvolvem em sociedade.

Procurar um outro *sentido* para o Tacto nas relações sociais

Termino do mesmo modo que iniciei este texto. As sociedades continuam a construir um *imaginário social* onde a sensorialidade táctil marcará presença, seja na produção discursiva sobre as ansiedades e medos que as levarão ao aparecimento de mecanismos do controlo e regulação dos corpos nas situações em que o tacto esteja presente (na pornografia, nas relações afectivas, nas relações de promiscuidade, nas relações com a superfície corporal, na vida artificial...), ao mesmo tempo que se vai desenvolvendo toda uma produção cultural sustentada no seu crescimento *digital* (e.g. os interfaces homem-máquina), sem que o relevo seja colocado nesta modalidade sensorial.

A dimensão táctil dos sujeito e das sociedades remete-nos sempre para uma certa “ordem do corpo” (Turner, 1984) e por ela se sentem os problemas dos sistemas sociais (a reprodução das populações no tempo, a redução do desejo como algo que está interiorizado, a regulação dos corpos no espaço ou a sua representação exteriorizada), mas também os problemas (inter)personais (a construção de identidades, angústias e ansiedades, incertezas e riscos pessoais). Na conquista de uma *ordem social* ou da *interacção*, a modalidade sensorial do tacto continuará sempre identificada de forma mais ou menos ambígua: nas *discursividades* da modernidade, facilmente associada a um sistema de representações (e de produção de imagens – “*image-faculty*”); nos processos de *internalização* de formas de organização social, que acabam por parecer pertencer a uma dimensão mais naturalizada da vida; ou nas *performances* quotidianas dos sujeitos, onde surge fortemente marcada por uma intersensorialidade. Em todas estas formas de identificação fica facilitado o esquecimento na determinação do lugar do tacto na hierarquia sensorial, ainda que pequenos detalhes, pequenos sinais nos permitam afinal

compreender a sua importância na formulação de *sentidos* para as formas de organização social das sociedades modernas.

E se dúvidas houver sobre a presença dissimulada e ambivalente do tacto no *imaginário social* que está já hoje a ser construído, atente-se a alguns dos discursos sobre a crise do vínculo social que remetem para a necessidade de um regresso “*a sociedades mais calorosas*”, tendo por horizonte o saudosismo dos laços comunitários (Singly, 2006: 188), ou para um enfoque nos processos de socialização e sociabilidade centrados no desenvolvimento tecnológico em que o *growing up digital* (Tapscott, 1998) ou o *being digital* (Negroponte, 1996) se vêm impondo como expoentes de *práticas discursivas* mais recentes.

Bibliografia

- Ariès, P. 1988. *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa, Relógio d'Água.
- Bauman, Z. 2007. *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa, Relógio d'Água.
- Brazelton, T.; Cramer, B. 1989. *A relação mais precoce*. Lisboa, Terramar.
- Classen, C. 1997. Foundations for an anthropology of the senses. *ISSJ*: 401-412.
- Corbin, A. 1998. Histoire et anthropologie sensorielle. In: Corbin, A. (ed.) *Le Temps, le désir et l'horreur. Essais sur le XIXe siècle*. Paris, Flammarion: 401-410.
- DeOreo, K.; Williams, H. 1980. Characteristics of kinesthetic perception. In: Corbin, C. (ed.) *A textbook of motor development*. Iowa, C. Brown Company Publishers: 174-196.
- Elias, N. 1973. *A sociedade dos indivíduos*. Lisboa, Dom Quixote.
- Elias, N. 1978. *The civilizing process, 1: The history of manners*. Oxford, Blackwell Pub.
- Foucault, M. 1991. Sexualité et pouvoir. In: *Dits et écrits*, vol.3, texto nº 233. Paris, Éditions Gallimard.
- Foucault, M. 1999. *Surveiller et punir*. Paris, Éditions Gallimard
- Gesell, A.; Ilg, F. 1979. *A criança dos 0 aos 5 anos: o bebé e a criança na cultura dos nossos dias*. Lisboa, Dom Quixote.
- Giddens, A. 1996. *As transformações da intimidade* (2ª ed.). Oeiras, Celta Editores.
- Gilman, S. 1994. *Disease and representation: images of illness from madness to AIDS*. Ithaca, Cornell University Press.

- Goffman, E. 1963. *Behaviour in public places. Notes on the social gatherings*. New York, Free Press.
- Goffman, E. 1967. *Interaction ritual: essays on face-to-face-behaviour*. New York, Anchor Books.
- Goffman, E. 1983. The interaction order. *American Sociological Review*, 48: 1-17.
- Goffman, E. 1989. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa, Relógio D'Água.
- Hall, E. 1986. *A dimensão oculta*. Lisboa, Relógio d'Água.
- Hacking, I. 2004. Between Michel Foucault and Erving Goffman: between discourse in the abstract and face-to-face interaction. *Economy and Society*, 33(3): 277-302.
- Hayles, N. 1996. Narratives of artificial life. In: Robertson, G. et al (eds). *Future Natural: nature, science, culture*. London, Routledge: 146-164.
- Jonas, H. 1954. The nobility of sight. *Philosophy and phenomenological research*, 14(4): 507-519.
- Layder, D. 2004. *Emotion in social life: the lost heart of society*. London, Sage.
- Le Breton, D. 2006. *La saveur du Monde: une anthropologie des sens*. Paris, Métailié.
- Levine, D (ed.). 1971. *Georg Simmel: on individuality and social forms*. Chicago, Chicago University Press.
- Loomis, J.; Lederman, S. 1996. Tactual perception. In: Boff, K., Kaufman, L.; Thomas, J.(ed.). *Handbook of perception and human performance, 1*. New York, Wiley-Intersection Publications: 31/1-31/29.
- Negroponte, N. 1996. *Being digital*. New York: Vintage Books.
- Piaget, J. 1970. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro, Zahar Editores
- Shilling, C. 1993. *The body and social theory*. London, Sage.
- Singly, F. 2006. *Uns com os outros: quando o individualismo cria laços*. Lisboa, Edições Piaget.
- Tapscott, D. 1998. *Growing up digital: the rise of the net generation*. New York, McGraw-Hill.
- Turner, B. 1984. *The body and society*. Oxford, Blackwell Pub.
- Wallon, H. 1979. *Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Lisboa, Moraes Editores.
- Wallon, H. s/d [1942]. *Do acto ao pensamento*. Lisboa, Portugália.
- Weber, M. 1978. *Economy and society: an outline of interpretive sociology*. Berkeley, University of California Press.
- Winnicott, D. 1986. Transitional objects and transitional phenomena. In: Winnicott, D. (ed.). *Collected papers of D.W.Winnicott*. New York, Basic Books.

Artigo recebido a 18 de Dezembro de 2007 e aceite a 24 de Abril de 2008.